

## O princípio da dúvida como legado de Antonio Gramsci – 70 anos de sua morte

**Claudio Reis**

Doutorando em Ciências Sociais pelo IFCH/Unicamp. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Política do Mundo do Trabalho.

[reiscl@yahoo.com.br](mailto:reiscl@yahoo.com.br)

Revista Espaço Acadêmico - [www.espacoacademico.com.br](http://www.espacoacademico.com.br)



Na manhã de 27 de abril de 1937, morre na Itália Antonio Gramsci. Até aquele momento, um indivíduo sinônimo de militância política claramente contrária ao regime fascista. No período que ficou preso, sob ordens diretas de Benito Mussolini, Gramsci se tornou símbolo da luta contra a opressão em várias partes do mundo. Diversos movimentos político-culturais saíram numa ampla campanha pela sua libertação. Até o momento de sua morte, pouco se sabia da sua extensa produção teórica efetivada nos quase 11 anos de reclusão. Somente a partir de 1948, com a primeira edição italiana dos *Quaderni del Carcere*, o mundo começa a conhecer de fato o trabalho intelectual do, agora sim, importante teórico das Ciências Humanas. Ainda que Gramsci tenha produzido exaustivamente no período pré-carcerário, em diversos jornais e revistas, será somente com a publicização de suas reflexões desenvolvidas na prisão que seu nome passará a ser sinônimo de um respeitável autor das diversas áreas do conhecimento.

E uma interessante característica é que seu arcabouço teórico foi acolhido e publicado, tendo como cenário a divergência. Como Gramsci não desenvolveu nenhuma questão visando a sua publicação, e por esse motivo não existiu a preocupação de sistematizar todo seu trabalho para tal fim, logo de início surgiu a questão de como se publicar os cadernos. Como sistematiza o conjunto dos 33 cadernos preenchidos na prisão? A interrogação surge porque Gramsci, muitas vezes, escrevia ao mesmo tempo em vários cadernos. E nem sempre o 1º terminava antes do 2º. Por exemplo, o caderno de número 10 foi escrito entre 1932-35, enquanto o de número 11 entre 1932-33, ou seja, o 11º foi concluído antes do 10º. Além disso, os temas abordados, com algumas exceções, não

apresentam sistematizações típicas para publicação. Tudo isso, fez com que o texto gramsciano fosse alvo de inúmeras polêmicas. Afinal, era preciso organizá-lo respeitando o máximo possível o raciocínio do autor.

Como se sabe a primeira edição dos *Quaderni*, iniciada em 1948 e terminada em 1951, efetivada pelo interlocutor pessoal de Gramsci, o também fundador do Partido Comunista da Itália, Palmiro Togliatti, logo foi substituída por uma outra. Conhecida como “Edição Temática”, a organização togliattiana dos cadernos efetivada por meio de temas específicos, apesar de ter sido fundamental na difusão das idéias do autor nascido na Sardenha, não se sustentou diante do texto original. Era preciso interferir o menos possível nos escritos deixados por Gramsci. Com esse intuito, o estudioso Valentino Gerratana, juntamente com uma equipe de pesquisadores, organizaram a “Edição Crítica”, respeitando a cronologia das notas carcerárias. Esse novo trabalho de edição dos *Quaderni* somente foi efetivado e tornado publico em 1975. No entanto, essa organização também já está sendo questionada por outras propostas, com destaque para a apresentada pelo filólogo Gianni Francioni.

Portanto, o trabalho deixado por Gramsci já nasce ao publico como um elemento cercado por divergências, debates, teses, etc. E todo esse processo para se encontrar o melhor caminho de análise sobre os *Cadernos*, está inserido não apenas no âmbito da filologia, mas também em cenários históricos e políticos diversos.

Muito desse “espírito” que marcou as primeiras edições dos cadernos gramscianos, sem dúvida, foi estendido a própria compreensão dos conteúdos conceituais presentes na obra. Do mesmo modo que houve, e ainda há, o debate sobre como se organizar a “estrutura” dos cadernos, também existiu, e certamente ainda existe, diversas visões sobre as idéias do italiano. Então, ao sair de um espaço de debate, o pensamento de Gramsci acabou se inserindo em outro, não necessariamente sobre como se deve ler suas anotações, mas também como se deve entender política e ideologicamente suas concepções. O giro que seu pensamento deu pelos vários países – no momento de sua internacionalização, em muitos casos significando a sua desnacionalização – foi acompanhado por absorções intelectuais múltiplas. E mesmo dentro de cada espaço nacional, as “traduções” político-ideológicas também são bastante heterogêneas. Exemplo claro disso é o próprio Brasil.

Na sociedade brasileira, suas anotações são utilizadas por inúmeros setores que passam pelos membros do Partido dos Trabalhadores até por duros críticos do atual governo. Conceitos como “hegemonia”, “sociedade civil”, “guerra de posição”, “guerra de movimento”, “Estado”, “intelectual orgânico”, “intelectual tradicional”, “nacional-popular”, “moderno príncipe”, “senso comum”, “reforma

intelectual e moral”, entre muitos outros, são constantemente utilizados por sindicalistas, professores, religiosos, membros de governos, jornalistas, sociólogos, pedagogos, cientistas políticos, antropólogos, filósofos, etc. Em alguns casos, Gramsci é “traduzido” como um defensor da “democracia liberal”, em outros como um “comunista defensor da classe operária e da revolução social”. Também aparece, ora como um criador de uma “filosofia da práxis” – completamente nova e original, distante de Marx – ora como um dos principais autores da história do marxismo. Ora como “idealista”, ora como “criativo materialista histórico”.

Gramsci é isso: um fomentador de intensos debates e divergências, pouco vistos em um pensador das Ciências Humanas. E a explicação para isso também não é consensual. Uns diriam que o modo como ele escreveu seus cadernos, isto é, por um lado sob a vigilância e a censura do cárcere, por outro com pouca preocupação em uma sistematização dirigida a uma possível publicação, teriam determinado os equívocos de algumas leituras. No entanto, também se pode dizer que Gramsci, em sua prisão, passou a se distanciar do movimento comunista e da revolução socialista, para se preocupar com as “novas realidades políticas” do Ocidente, isto é, a “democracia”. Portanto, até mesmo para justificar certas leituras feitas sobre os *Cadernos*, existem explicações diferentes. Justamente por esse caráter, ou seja, pela sua absorção por várias correntes políticas e ideológicas, Gramsci passou a ser atacado pelas diversas concepções de mundo.

Por esses motivos, o autor italiano parece ser uma fonte de questões inesgotável. Afinal, além da sua complexidade própria, o leitor de Gramsci também tem que estar minimamente inserido no debate dos “tradutores” de sua obra.

Como sair, então, do relativismo que cerca as discussões referentes ao seu pensamento? Aliás, é possível sair dessa situação? Afinal, assim como uma obra de arte não concluída faz com que seus admiradores expressem seus desejos para tal finalização, com os *Cadernos* é semelhante. Pelo fato deles serem algo não concluído, muitos acabam fazendo prevalecer suas concepções em detrimento do próprio criador. Obviamente que esse processo não chegará a um ponto final. Nunca se saberá como Gramsci sistematizaria e finalizaria seu trabalho carcerário.

Entretanto, mesmo diante disso, é possível sim chegar a algumas conclusões em detrimento do relativismo. Primeiro é provável que, devido às particularidades do texto carcerário, para se compreender fielmente o pensamento gramsciano seja necessário buscar a sua leitura integral. Sem posicionamentos imediatos e teoricamente corporativistas. Gramsci não é autor

de uma área do conhecimento apenas. Suas contribuições, por exemplo, para a educação, devem necessariamente estar ligadas às suas concepções sobre os “intelectuais”, sobre a “cultura”, sobre o “Estado”, sobre o “nacional-popular”, etc. Nos *Cadernos*, as idéias e os conceitos apresentados numa determinada nota, não podem deixar de ser *relacionados* com as demais. Isto significa que é necessário ler todo o texto para se ter uma dimensão sólida sobre seu pensamento. Elemento este muitas vezes ignorado. Em muitos casos, retira-se de Gramsci somente aquilo que se determinada como importante para certas áreas do conhecimento. Dessa forma, certamente o autor se torna o que se quiser, independentemente de seu lugar no *espaço* das ideologias.

Do mesmo modo, como ler as idéias gramscianas, sem levar em conta o período pré-carcerário? Gramsci não escreveu os *Cadernos* nas condições por ele escolhidas, ou seja, a mudança de linguagem em sua escrita, muito menos “política”, não foi produto de sua liberdade de escolha. Então, não se pode concluir que o fato dele ter parado de falar em “socialismo” e em “revolução”, tenha sido uma ruptura com o passado. Gramsci não escreveu em seu escritório. Portanto, quando se fala em totalidade do pensamento gramsciano é preciso incorporar organicamente também o seu período de militância política.

É preciso lembrar uma passagem dos *Cadernos*, quando o autor expõe sua visão crítica sobre o debate efetivado pelos diversos grupos de intelectuais da Itália e da Europa, em torno do *Risorgimento*: as investigações sobre as “origens do movimento nacional do *Risorgimento* são quase sempre viciadas pela tendenciosidade política imediata, não só por parte dos escritores italianos, mas também por parte dos estrangeiros, especialmente franceses (ou sob influência da cultura francesa).” (Gramsci, 2002, p. 18) Portanto, é preciso ouvir o autor. Certamente, seu posicionamento diante do debate acerca do *Risorgimento* diz alguma coisa sobre como se pode compreender melhor o seu próprio pensamento.

Então, além da totalidade, é importante ler Gramsci com outros olhos. Menos tendenciosos e mecânicos e mais próximos da sua riqueza teórica e da sua criatividade analítica.

Ainda que na aparência Gramsci seja um autor propício ao relativismo, a “tradução” do seu trabalho intelectual deveria fomentar um outro aspecto de maior importância, isto é, a dúvida – tão necessária para a construção de um conhecimento crítico e livre de preconceitos teóricos.

A sua aversão ao sectarismo e ao pedantismo é um legado muitas vezes deixado de lado. É preciso incorporar de maneira mais profunda o “espírito” da dúvida, tão presente em Gramsci, pois por meio dele se torna mais claro o movimento e a dialética do seu pensamento.

Numa passagem do caderno 11, esse princípio parece ficar evidente. Diz o autor: “As notas contidas neste caderno, como nos demais, foram escritas ao correr da pena, como rápidos apontamentos para ajudar a memória. Todas devem ser revistas e verificadas minuciosamente, já que certamente contêm inexatidões, falsas aproximações, anacronismos. Escritas sem ter presentes os livros a que se referem, é possível que, depois da verificação, tenham de ser radicalmente corrigidas, precisamente porque o contrário do que foi escrito é que é verdadeiro.” (Gramsci, 1999, p.85)

Aqui fica claro que, mesmo sendo um indivíduo possuidor de grande conhecimento, Gramsci não incorporou a tradição pedante e elitista tão forte entre os intelectuais italianos de sua época. O respeito que tinha pelas idéias e pela ciência, colocou-o distante do sectarismo e da reflexão seca e sem vida. A dúvida sobre seu próprio conhecimento demonstra isso. Então, as convicções cegas deram lugar a uma visão rica sobre a história.

Esta parece ser uma contribuição atual e fundamental do autor para aqueles que, após os 70 anos de sua morte, ainda buscam um sentido em lutar pela emancipação humana.

### **Referências bibliográficas**

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1999, V.1.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002, V.5.

### **Claudio Reis**

Doutorando em Ciências Sociais pelo IFCH/Unicamp

[reiscl@yahoo.com.br](mailto:reiscl@yahoo.com.br)